

Conselheiro é terra e pão.

*Mão que faz o taio
Santinha, Marciano
Hoje Cememário
Brotá gitirand¹⁸.*

NOTAS:

1. Depoimento gravado para o video documentário República de Canudos de Pola Ribeiro e Jorge Alfredo, realizado em 1986.
2. Odorico, Tavares. Canudos, Cinquenta Anos Depois, 1947, pág. 40
3. Canção integrante do Texto da missa Pelos Mártires de Canudos.
4. Entrevista realizada no município de Canudos no ano de 1996.
5. Entrevista com Afonso em Chorochó no ano de 1996.
6. Depoimento da comunidade sobre Canudos e do Vaza-Barris.
7. idem
8. idem
9. idem
10. Depoimento de uma professora primária com uma nova revisão história
11. Editorial do Jornal a Tarde de 26 de julho de 1984, página 6.
12. idem
13. Poema e música do Pe. Enoque, gravado pelo cantor Fábio Paz em CD - "Canudos e Canto do Sertão"-1997.
14. Canudos noventa anos depois, como demostra em edição Maria Quitéria
15. Letra de Enoque, música de Fábio Paz e Enoque
16. Letra e música do Pe. Enoque
17. Idem
18. Poema do Pe. Enoque

1993-O CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE
CANUDOS e suas influências sobre o imaginário popular¹

Patrícia Pinho²

Em 1993, o imaginário popular de Canudos viveu um momento de muita efervescência, pois aquele foi o ano em que se comemorou o Centenário da fundação da comunidade criada por Antônio Conselheiro. Creio que 1993 foi um marco na história recente de Canudos e uma chave para se compreender o imaginário contemporâneo da cidade. Vários setores da sociedade mobilizaram-se para expressar sua opinião a respeito do assunto, revelando suas diversificadas formas de concepção da história de Canudos.

A imprensa teve um papel importante na divulgação dos cem anos da fundação de Canudos. Jornais de todo o Brasil trouxeram matérias sobre o tema, e repórteres de várias revistas deslocaram-se até Canudos para fotografá-la e obter informações sobre o assunto.³

¹ Este artigo é uma adaptação de um capítulo da minha da tese de Mestrado em Sociologia, *Revisitando Canudos Hoje no Imaginário Popular*, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, agosto de 1996.

² Doutoranda em Ciências Sociais na UNICAMP.

³ Dentre estas revistas, destacam-se "Manchete"; "Isto É"; "Caminhos da Terra"; e "Superinteressante".

Mais do que o conteúdo das reportagens, foi interessante perceber o contato estabelecido entre os agentes destas revistas e as pessoas de Canudos. A maioria delas, principalmente as da zona rural, nem mesmo tem acesso a revistas e jornais. No entanto, considero que a comunicação estabelecida naquele período foi relevante para semear o imaginário dos canudenses a respeito de sua própria história.

A movimentação de “pessoas de fora”, interessadas na história de Canudos, reforçou nos canudenses a importância de sua trajetória no decorrer do tempo, estimulando-os a conhecer ainda mais os fatos que marcaram esta epopéia. Diante de tantos perguntadores curiosos - pesquisadores, jornalistas, universitários - os canudenses sentiam-se quase obrigados a verbalizar situações sobre as quais muitas vezes nunca haviam pensado, ou que nem tinham uma opinião a respeito. Certamente esta penetração da imprensa e de estudiosos inspirou e influenciou o imaginário popular de Canudos, ao colocar, frente a frente, diferentes interlocutores de uma mesma história.

É importante lembrar que no mesmo ano de 1993, em junho, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) realizou a IIIª “Semana Cultural de Canudos”. Obviamente, o tema desta foi o “Centenário do Bello Monte”. Realizado de 7 a 13 de junho, este evento coincidiu com a provável data da chegada de Antônio Conselheiro a Canudos. Segundo informou numa palestra o professor José Calasans, o Conselheiro e seu grupo lá teriam chegado entre os dias 7 e 13 de junho de 1893. Por este motivo, a UNEB escolheu o período compreendido entre estes dias para realizar a IIIª “Semana Cultural”. Aquele período coincidiu com a “trezena de Santo Antônio”, isto é, as treze noites em que os canudenses rezam e festejam o seu Santo Padroeiro, que acontece todos os anos de 1º a 13 de junho.

Em meio a estas comemorações, um “arraial” foi armado na principal praça da cidade. Na entrada do “arraial”, viam-se duas grandes pinturas: de um lado, estava Santo Antônio, o padroeiro da cidade e “dono da festa”; do outro lado, e desenhada do mesmo tamanho estava a imagem de Antônio Conselheiro. Além da enorme pintura do

herói canudense estar situada ao lado, e com o mesmo destaque, da pintura de Santo Antônio, havia muitos outros desenhos do Conselheiro espalhados em diversos pontos do “arraial”. Barracas de artesanato, bebidas e comidas típicas também divulgavam a imagem do Conselheiro em camisetas, “bottons”, adesivos e esteiras pintadas à mão. Pequenos vasos de cerâmica traziam a frase: “Canudos: o maior exemplo de insistência e resistência”.

Foi muito interessante perceber também o nome das barracas, que foram escolhidos pelos próprios donos. Alguns exemplo são: “Raízes de Canudos”; “Sertão de Canudos”; “Eu, Você e Canudos”, revelando como o tema de Canudos está presente no imaginário destas pessoas. Outros nomes de barracas traziam ainda uma lembrança de acontecimentos ou lugares históricos que marcaram a guerra, tais como: “Batalha do Cambaio”, que Euclides da Cunha narra detalhadamente em *Os Sertões* sob a denominação de “Travessia do Cambaio” (Cunha, 1991). Havia também uma barraca denominada “Alto do Mârio”, que é o nome do local onde se posicionaram os canhões para destruir Canudos nas duas últimas expedições do exército, pois de lá os soldados tinham uma “Visão do Arraiá”, expressão que intitulou mais uma barraca no Centenário. Além disso, muitas barracas tinham nomes que carregam em si a idéia do “ressurgimento” de Canudos, como: “Canudos Novo”, “Canudos Revivendo” e “Canudos Imortal”.

O próprio nome do “arraial” foi “Arraiá do Bello Monte” e, em todas as noites, o tema de Canudos foi tratado em praça pública. Em meio a muito forró e apresentação de quadrilhas juninas das cidades vizinhas, a história de Canudos era constantemente lembrada. Houve apresentação de duas peças de teatro, uma peça musical e uma mostra de dança, onde, sempre, o assunto central era a comunidade do Conselheiro e a guerra de Canudos. Foi interessante perceber, durante a apresentação de uma peça, o estado de excitação em que o povo ficou.

O nome da peça foi “Canudos, A Guerra do Sem Fim”, direção de Paulo Dourado. No momento em que os atores representaram a guerra, a plateia gritava entusiasmada “Dá-lhe Canudos!”. Algumas

senhoras idosas que assistiam à peça começaram a chorar quando o povo do Conselheiro foi morrendo. No final, quando os atores desceram do palco, muitas pessoas se aproximaram do ator que representou Antônio Conselheiro - vestido tal qual o líder, com uma túnica azul e um chapéu largo daonde pendiam longas e coloridas fitas, barba e cabelos brancos compridos - para pedir-lhe a bênção! Este episódio lembra uma descrição feita por Paul Thompson sobre a apresentação de uma peça, *The Dillen*, realizada na Inglaterra do pós-guerra, em lugares importantes para o povo inglês: num parque, à beira de um rio, etc. Durante os intervalos da peça, a plateia trocava suas lembranças pessoais sobre a guerra e sobre aqueles lugares (Thompson, 1988). Com toda certeza, o evento do Centenário foi de muita influência para o imaginário dos canudenses pois, em todo momento, colocou a sua história em destaque, despertando curiosidades e as mais variadas emoções.

O mês de outubro daquele mesmo ano foi marcado por dois fortes momentos que também inspiraram o imaginário popular de Canudos. O Movimento Popular de Canudos realizou a "Celebração Popular pelos Mártires de Canudos" nos dois primeiros dias do mês. E a Igreja Católica celebrou a sua Romaria anual.

Diferentemente dos outros anos, em que a Romaria era realizada ao Alto do Mário, em 1993 ela se dirigiu a um outro lugar, também nas imediações de Canudos, chamado Alto Alegre. Esta decisão foi tomada porque o Alto do Mário seria pequeno demais para suportar a quantidade de fiéis que para lá se dirigiram este ano, formando uma multidão de 10 mil pessoas! Em 1993, a Romaria ultrapassou muito o número de romeiros dos anos anteriores. Apenas para situar este número na realidade de Canudos, este município possui hoje cerca de 15 mil habitantes. Portanto, durante a Romaria, a população quase dobrou de tamanho. Segundo as informações contidas nos folhetos, a Romaria de 1993 contou com o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Foi um evento que provocou grande agitação em Canudos.

O grande número de romeiros que visitaram a cidade nesta época se hospedaram nas casas dos canudenses. Estes abriram suas portas e recebiam quem ia chegando, oferecendo banho e comida, como é típico da hospitalidade do sertanejo. Durante dois dias a cidade viveu um grande rebuliço. No sábado, houve a "Noite Cultural", com apresentações de peças e palestras sobre Canudos.

Dentre o material a que tive acesso, algo que se destaca é um livrinho do MST, chamado: "Canudos Não Se Rendeu: 100 Anos de Luta pela Terra", elaborado pela Secretaria Nacional do Movimento e distribuído para os núcleos de todo o país. A linguagem contida neste livreto é a mesma da Igreja Católica: idealiza a figura de Antônio Conselheiro como alguém que buscava "a elevação do povo humilde", e o Bello Monte como "a cidade comunitária de Canudos", onde "não faltava trabalho, comida e reza". Mostra a comunidade do Conselheiro como o primeiro exemplo de Reforma Agrária do país. O final do livreto afirma que Canudos está presente em cada trabalhador rural brasileiro, e que estes devem lutar convencidos de que Canudos serve de ânimo e de ideal. O livreto conclui afirmando: "Até que o sonho do povo trabalhador de Canudos se realize: que se dividam as terras, que se realize a Reforma Agrária e que se organize uma sociedade mais justa e igualitária no Brasil".

Vale citar aqui um exemplo expressivo da divulgação que vem sendo feita da história de Canudos: a propaganda política. Um dos folhetos que foram distribuídos durante a Romaria era de um vereador da região. Estava escrito: "O socialismo enfurece aos capitalistas, latifundiários, banqueiros, empresários e governantes manipulados por eles. Antônio Conselheiro, Você Permanece Vivo Dentro de Nós!"

Como se pode perceber, a história de Canudos se torna acessível a um número cada vez maior de pessoas. Em se tratando das pessoas de Canudos, o ano de 1993 foi um momento de muita efervescência para o imaginário deste povo. O ano do Centenário da fundação do Bello Monte foi marcado por estas diversas comemorações, quando a

¹ Da composição "Haiti", autoria de Gilberto Gil e Caetano Veloso.
Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v.2 n.2, 1997

todo tempo só se falava, se pensava, se lembrava da comunidade do Conselheiro. Vários intelectuais lá deixaram suas impressões sobre a história de Canudos, servindo de interlocutores junto aos canudenses e, ao mesmo tempo, penetrando na composição de seu imaginário. A Igreja Católica realizou a Romaria, oportunidade em que pôde, mais uma vez, divulgar sua versão da história de Canudos, também influenciando decisivamente no imaginário dos canudenses. Neste contexto, a tradição oral também se fez presente, já que os velhos canudenses foram induzidos a narrar os fatos que seus pais viveram no Bello Monte. Foram indagados não apenas por pesquisadores e repórteres mas, cada vez mais, pelos jovens canudenses, curiosos para conhecerem a história de seus antepassados, que o imaginário popular atualiza e revitaliza.

As várias manifestações ocorridas para comemorar o Centenário colocaram, à disposição dos canudenses, diversas versões de sua história. Naquele período de tanta efervescência, aumentou-se a teia de informações que se embaraçam para compor e recompor o imaginário popular de Canudos. Saida das águas escuras do esquecimento, a história de Canudos emerge agora sob a luz dos nossos dias, luz que reflète no imaginário as angústias e as expectativas dos canudenses, embutidos na noção do que deve ter sido o passado e do que poderá vir a ser o futuro.

Neste ano de 1997, lembramos dos cem anos de Canudos mais uma vez: dos cem anos do fim da guerra de Canudos. Nos cabe agora agir para que a lembrança das atrocidades cometidas no Bello Monte contra um povo que vivia em paz e honestidade, faça permear o imaginário de todos, povo e governantes. Quem sabe assim conseguiremos impedir as novas "guerras" que ocorrem em todo o Brasil, como a "Chacina de Vigário Geral", o massacre dos meninos da Candelária, o massacre aos "111 presos indefesos, quase todos pretos"⁴ do Carandirú, as mortes no Pontal do Paranapanema e dos seus irmãos Sem-Terra no morticínio realizado pelas autoridades brasileiras, em Eldorado dos Carajás, PA. Eldorado que de grandes riquezas nada tinha, a não ser a riqueza de cada um de seus trabalhadores, pobres em terra, em ins-

trumentos, em dinheiro, mas ricos em determinação e coragem para jamais desistir da luta pela justiça social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, 35 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
2. THOMPSON, Paul. *A Voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
3. *CANUDOS não se Rendeu, 100 anos de luta pela terra*, movimento dos tabalhadores rurais sem terra, agosto de 1993.